

Pedaco de pau

1232

Domingo, manhã de sol, na beira do Sena. Faço um passeio vagabundo e olho com preguiça as gravuras de um "bouquiniste". Há um homem pescando, um casal a remar em uma canoa, o menino sentado no meio do barco. Há muita luz no céu, nas grandes árvores de pequenas folhas trêmulas na água do rio. Junto de mim passa um casal de moça se parecem, ambos têm os olhos claros, o jeito simples, a cara mansa. Vão calçados, distraídos, devem ter vindo de alguma provincia; dão uma idéa de sossêgo e felicidade tão grande. Parece que a vida será sempre essa manhã de domingo; eles terão sempre essas roupas humildes e limpas, essas mãos dadas sem desejo nem fastio, essa doçura vaga. Ficarão sempre assim, tranquilos e sem história, bem comportados; a calçada em que andam parece estimá-los e eles estimam as árvores, a ponte, a água. São tão singelos com dizer "bon jour".

A' sombra de uma árvore, junto ao Pont Royal, vejo um velho gordo, em mangas de camisa; pôs uma cadeira na calçada e olha o rio, o palácio do outro lado, a mincha branca do Sacré-Coeur no fundo. Deve ser um burguês, um comerciante, que se dispõe a gozar da maneira mais simples o seu domingo. Passo perto d'ele e tenho uma surpresa: sob os cabelos despenteados a cara gorda é revolta e amarga, como a de um general mexicano que perdeu a revolução e o cavallo, ficou pobre e desacreditado. Reparo melhor: ele é cego. Está com uma camisa limpa, goza o vento leve na sombra e não vê nada dessa

festa de luz que vibra em tudo. Imagino que essa luz é tanta que êle deve sentir sua vibração de algum modo, e não apenas pelo calor, alguma vaga sensação na pele, nos ouvidos, nas mãos. Talvez seja isso que êle exprima, mexendo vagamente os lábios.

Como tive vontade de dizer "bon jour" ao casal, tenho vontade de me sentar ao lado do cego, fazer com êle uma longa conversa preguiçosa. Falar de que? Talvez de cavalos; cavalos de general, cavallo de carroça, cavalos de meu tio; casos simples de cavallo.

Ou quem sabe ele prefira conversar sobre frutas; provavelmente diria como eram grandes os morangos antigamente, numa chácara de infância. Também sei algumas histórias de baleias; mesmo já vi uma baleia. Todo mundo gosta de conversar sobre baleias. Hesito um segundo, e subitamente penso que parar ou diminuir o passo, agora que estou a um metro de distancia, êle voltará para mim os olhos cegos e inquietos.

— Um cego tem bem direito ao seu sossêgo no domingo.

Formulo êsse pensamento, e uma vez que êle está mentalmente arrumado em palavras, eu o acho sólido, simples e gratuito como um pedaco de pau. Sim, há um pedaco de pau sobre o muro. Jogo-o lá em baixo, na água quase parada. Parece que jogou dentro d'água meu pensamento; fico vagamente vendo os círculos de água, com a alma tão simples e tão feliz como... como, não sei. Como um pedaco de pau. Um pedaco de pau repousando na manhã de domingo.